

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA  
COM A LINHA DE SOMBRA  
20 de outubro de 2022

# THE INFORMER / 1935

*(O Denunciante)*

um filme de John Ford

**Realização:** John Ford / **Argumento:** Dudley Nichols, segundo o romance homónimo de Liam O'Flaherty / **Fotografia:** Joseph August / **Música:** Max Steiner / **Montagem:** George Hively / **Direcção Artística:** Van Nest Polglase / **Figurinos:** Walter Plunkett / **Intérpretes:** Victor McLaglen (Gypo Nolan), Heather Angel (Mary McPhilip), Preston Foster (Dan Gallagher), Margot Grahame (Katie Madden), Wallace Ford (Frankie McPhilip), Una O'Connor (Senhora Philip), J.M. Kerrigan (Terry), Joseph Sawyer (Bartley Mulholland), Neil Fitzgerald (Tommy Conner), Donald Meek (Pat Mulligan), D'Arcy Corrigan (o cego), Leo McCabe (Donahue), Gaylord Pendleton (Daley), Francis Ford ("Juiz" Flynn), May Boley (Senhora Betty), Dennis O'Dea (cantor da rua), Jack Mulhal, Robert Parrish.

**Produção:** RKO / **Produtor:** Cliff Reid / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, versão original legendada em português, 88 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, 1 de Maio de 1935 / **Estreia em Portugal:** São Luiz, em 27 de Janeiro de 1936.

## *Sessão com apresentação*

---

Entre 1926 e 1939, John Ford dirigiu mais de três dezenas de filmes. Nenhum deles era "western". Entre **Three Bad Men/Três Homens Maus** e **Stagecoach/A Cavalgada Heróica**, ele andou por outras paragens, sulcou mares e os abismos (**Men Without Women/O Submarino S-13, The Seas Beneath**), os ares (**Air Mail**) e paragens exóticas (**The Hurricane/O Furacão**). Dos seus trabalhos neste período, **The Informer** é o mais famoso, e se não é o melhor (do meu ponto de vista) é porque em 1928 fez esse genial filme que se chamou **The Four Sons/Os 4 Filhos**. Mas **The Informer** tem um lugar à parte, devido ao tema e ao local em que a acção decorre (a Irlanda e a luta pela independência).

**The Informer** adapta uma pequena novela de Liam O'Flaherty que decorre durante a repressão que as tropas de ocupação britânicas exerceram sobre a Irlanda na sequência da "revolta da Páscoa". A independência estava para breve mas os tempos, em 1920, eram ainda de luta, de desencanto e amargura. Ford, de origem irlandesa e apaixonado pelo país dos seus pais, voltaria ao mesmo assunto pouco depois, em 1936 com **The Plough and the Stars/A Primeira Batalha**, e mais tarde, em 1957, com **The Rising of the Moon** (este filmado na Irlanda), mas nenhum destes filmes alcançaria o estatuto, e teria a importância, de **The Informer**. A sua produção foi uma aposta e um desafio, porque era um tema ingrato e considerado anti-comercial pela RKO que tinha comprado os direitos a Flaherty por 2.500 dólares (a história fora filmada anteriormente, em 1929, na Grã-Bretanha, num filme homónimo dirigido por Arthur Robinson, e volta ao ecrã em 1968, noutra contexto, sob a direcção de Jules Dassin, com um elenco inteiramente negro: **Up Tight**) durante a estadia

do escritor em Hollywood em 1934. Os responsáveis do estúdio pensavam dar o papel de Gypo Nolan a uma vedeta então na moda, Richard Dix, com uma longa carreira no mudo e que reconquistara os favores do público com a sua interpretação em **Cimarron** de Wesley Ruggles (1931), o único western, antes de **Unforgiven/Imperdoável** de Clint Eastwood, a conquistar o Oscar do melhor filme do ano. Ford, porém, não estava de acordo, pois via a personagem como se tivesse sido escrita para Victor McLaglen, e impôs a sua escolha. Devido à pouca fé que a RKO tinha no projecto, não deu grande apoio ao trabalho. Ford teve de recorrer a reduzidos cenários de estúdio para "reconstituir as ruas de Dublin, que poderiam ser as de qualquer outra cidade, mas soube reverter essas deficiências em favor do filme, com a colaboração do director de fotografia Joseph August, criando uma atmosfera quase fantástica com a luz difusa dos candeeiros públicos e as neblinas que ocupam as ruas e escondem as deficiências dos cenários. Ford transformou em vantagens as limitações que lhe foram colocadas, e chegou mesmo a improvisar algumas cenas novas durante as filmagens. É o caso, por exemplo, da cena do julgamento de Gypo no tribunal "revolucionário" que se anuncia julgamentos futuros na sua obra, com uma componente humorística (**Young Mr. Lincoln/A Grande Esperança, Sergeant Rutledge/O Sargento Negro**) mostra também a influência do cinema expressionista alemão, aqui, particularmente o **M/Matou** de Fritz Lang.

Mas, para além de tudo isso há a "mão" de Ford, a sua genial capacidade de visualização de um efeito dramático no mais pequeno incidente, de provocá-los através de engenhosas manipulações. Maureen O'Hara, num documentário sobre Ford, insurgia-se contra a série de críticos mais ou menos ignorantes do trabalho do mestre, que falavam na "Ford's luck" por conseguir o que parecia um pormenor trivial (um objecto, o gesto de uma pessoa) e inclui-lo na narrativa, referindo-se ao plano que em **How Green Was My Valley/O Vale Era Verde** mostrava o véu da actriz ser levantado pelo vento, contando que não fora um pormenor do acaso e sim um cuidado trabalho, com uma máquina de vento sob o cenário que foi activada quando ela passou. De certo modo, os planos iniciais de **The Informer** evocam esta afirmação. O método é aqui mais visível mas o resultado não é diferente. Trata-se dos vários planos em que o cartaz com o retrato de Frankie McPhilip com a cabeça a prêmio, vem reiteradamente "colar-se" às pernas do seu futuro denunciante, e às de outros figurantes. O "truque" é mais transparente? É. Mas **The Informer** também é um filme mais abertamente "simbólico", construído como uma alegoria religiosa, em que Gypo é um "Judas" que encontra a redenção e o perdão, com que se irmana no destino do outro, naquele fabuloso plano final em que de braços em cruz, no interior da igreja, grita ao céu o perdão que a mãe da vítima lhe concedeu, antes de expirar. Aí, como em todo o filme, Ford explora o contraste da luz e da sombra criando uma atmosfera fortemente expressionista que reflecte a influência que sobre ele exerceram os trabalhos de Murnau que, como ele, estivera ligado à Fox e que dominavam já **The Four Sons** feito no mesmo ano em que Murnau realizava **Sunrise**.

O resultado comercial do filme foi a grande surpresa da RKO, e maior ainda a recepção crítica. **The Informer** conquistou quatro Oscars, realização para Ford (o seu primeiro), argumento para Dudley Nichols, música para Max Steiner e interpretação para McLaglen, e o prémio da crítica de Nova Iorque, entre outros nacionais e estrangeiros, tendo sido considerado como o melhor filme do ano pelo New York Times.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico